

Fernando Assis Pacheco

# Alpha, como Amor

O prostituto Waldir da Praia estampa-se, talvez baleado em voo, nas rochas da Ponta do Arpoador, Rio de Janeiro. Sophia Beatriz, aliás a Doutora, Bonifrates para os amigos, faz sucessivas gravidezes-fantasma até conhecer Sebastião Manuel

seu «mais amado», tanto que ela lhe adoptou o filho e o trouxe para Lisboa, onde finalmente deitaria corpo, buço e maneiras fornicantes com o nome de Beito, na pia batismal Marcos Roberto. Estas relações meia mãe-meio filho enchem longitudinalmente o livro, todo ele aposta-

ex-padre descolando do aeródromo acompanhado pelas *manas* Alexandra e Maria, com em volta o azul cegante da manhã.

É, isso sim, um romance sobre o amor, e se alguém entender a proposta no plural andarão avisado. O amor louco, a cama de conveniência, a castidade e o furor uterino, o *saber como* contrapondo pelo *depois a gente vê* (se sempre fazes o aborto). Romance em que o amor *quase sempre falha*, na linha de outras narrativas de Cardoso Pires: por defeito (de entrega), por excesso (de lucidez). Diga quem souber para onde foram

sauro moribundo a apalpar o rabo às enfermeiras. O comportamento masculino oscilando do complexo de inferioridade à hipocrisia do *chefe*. Enfim as perucas e os posições da cultura, gente que carrega a «*literatura de sovaco*» para mostrar que e tenta safar-se no «*alguém de lacraus*». Ou enfim e sempre e principalmente Portugal, que faz Alexandra rosar:

«*Isto não é um País, é um sítio mal frequentado!*» (mas depois veio do Brasil e a música, de 1961 em diante, começou a ser outra; dir-se-á mais tarde que «*nós éramos assim, modestos e arrumadinhos mas com três guerras à falta de uma*»).

A galeria de personagens é extensa, mais de uma não chega a ter rosto visível, como em Tolstoi, sobrevivendo pela voz. Ou pelo gesto, v.g. o fadista mudo e canceroso da pág. 113.

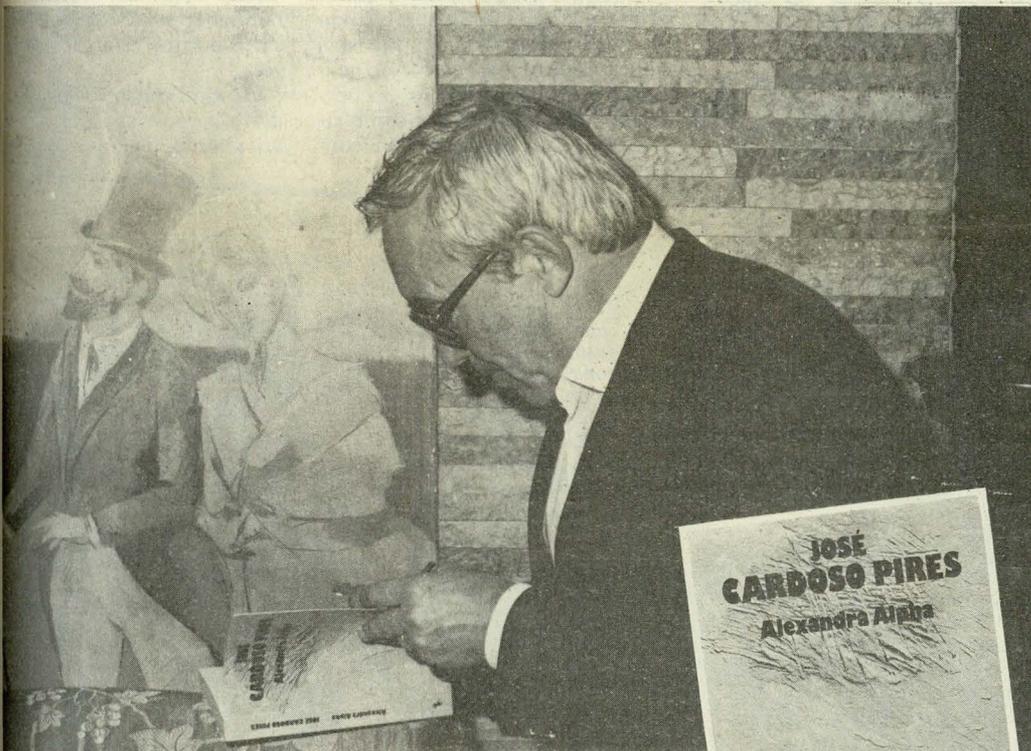
A prosa muda frequentemente de registo, estando particularmente à vontade na escrita de relatório (policial ou não) ou na reapropriação do estilo do guião cinematográfico (que vem de longe, antecipando-se no tempo aos Handke e aos Süskind). Cardoso Pires é muito destro ainda na colocação dos dois pontos e na abertura do parágrafo longo com um período ultracurto. Reconhecemos por outro lado meia dúzia de citações, outras haver-nos-ão escapado. Esta parece de Garcia Márquez (as aberturas dos *Cem anos de solidão* e *d'Oton do patriarca*):

«*Assim, passados muitos anos, quando o irmão deixou Lisboa, à frente de uma formação de dez soldados artesãos e três camiões militares carregados de mobília, e se veio juntar a ele; quando chegou e deitou abaixo o desconjuntado portão da herdade só com o frémto da sua passagem; e cruzou o pátio; e subiu a escada saudado por um alvoroço de galinhas acocoradas no corredor...*»

O que mais gostámos: esse pulso de ferro entre o amor amor e o amor *cosa mentale* que Cardoso Pires personifica em Alexandra Alpha (*alpha*, a primeira, a inaugural) e Maria (pequeno som quase inarticulado, e por isso tão pungente). O que menos: o excesso de frases sentenciosas na boca da protagonista.

Talvez o romancista, supremo deus da sua escrita, tenha querido participar no *cast* por interposta personagem.

• José Cardoso Pires,  
**Alexandra Alpha**,  
Dom Quixote, 1 200\$00



Opus Night, «*lisboeta por fadário e transmontano por convicção*», rei do uísque manso embrulhado em anexins, que talvez venha a empenhá-la. Amadeu Fragoso, o Gruyère, mastiga um dia-a-dia cinzento onde entram a pele picada das bexigas, o último número do *Communications* e um lugar na TV. Bernardo (filho de Bernardo) Bernardes, «*rosado e corpulento e de muita organização*», passeia a brotoeja gaulesa na Lisboa basbaque, citando mesmo Camões e Pessoa na língua de Roland Barthes. Alguém que o topa a milhas rosna do lado:

«*la jurar que este menino só se vem em francês!*»

Quem rosna é Maria Alexandra, alentejana de Beja, especialista de marketing na Alpha Linn Portugal (óbvia sede nos EUA, Los Angeles), protagonista do último romance de José Cardoso Pires. Waldir foi o

do, de resto, em confirmar que o autor de *O hóspede de Job* e *O delfim* é, talvez com Fernanda Botelho, um dos mais directos herdeiros da prosa de análise psicológica de entre-guerras, o que qualquer deles, J.C.P., F.B., faz com absoluto conhecimento de causa, logo no máximo rigor, e sem por isso se afastarem da óbvia matriz realista.

*Alexandra Alpha* é um livro, como certos vinhos de colecção, rico em bouquet e com um fim de boca notável (o bouquet não foi bebido em Bernardes, abstémio militante enxaguado em Perrier). Chamar-lhe-íamos romance da noite, dos interiores velados, das vozes que súbito crepitam nas barras do álcool convivial ou ao canto de uma sala onde o toca-discos debita Mahler, Britten, etc., se não começasse e acabasse usando sequências solares: Waldir pican-do sobre a praia, o engenheiro

os honestos segundos filhos-família e as pudibundas meninas infelicíssimas à Camilo. Alguns levaram no focinho com a *Curtilha do Marialva*. Algumas cortaram com Beja e voaram um dia, impetuosos deltas de Vénus, sobre o mar oceano.

Também esperávamos que *Alexandra Alpha* fosse, e é, uma série de ajustes de contas, no que eles têm de *Leitmotiven* na obra ficcional de Cardoso Pires. Alvos a iluminar? As relações familiares convencionais. O fascismo nacional com todos: polícias, censuras, colaboracionismo, estupidez do *Gauleiter* da cultura, um Doutor Dinos-